

PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: DIFICULDADES E TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

SANTOS, Ane Caroline da Silva Correa

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

KAULFUSS, Marco Aurélio

Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

Este artigo tem por objetivo identificar e compreender as diferenças entre dificuldades e transtornos de aprendizagem e seus reflexos no processo de ensino e aprendizagem. Serão abordados alguns temas como processo de ensino aprendizagem no contexto escolar e concepções sobre dificuldades e transtornos de aprendizagem. Indaga-se quanto à clareza e consistência do uso destes termos na literatura e quanto às concepções docentes a seu respeito. Conclui-se salientando a necessidade do uso adequado da terminologia, bem como apontando que a atribuição de dificuldade ou transtorno ao aluno pode omitir a responsabilidade docente e implicar em visões simplistas que desconsideram aspectos sociais, culturais, históricos e ideológicos.

Palavras-Chave: Aprendizagem, Dificuldades, Transtornos

ABSTRACT

This article aims to identify and understand the differences between learning difficulties and disorders and their effects on teaching and learning. Will address some issues such as teaching and learning process in the school context and conceptions of difficulties and learning disabilities. It asks how much the clarity and consistency of the use of these terms in the literature and how the teachers conceptions about him. It concludes showing the need for proper use of terminology as well as pointing out that the allocation of difficulty or inconvenience the student can omit the teaching responsibility and imply simplistic views that ignore social, cultural, historical and ideological aspects.

Keywords: Difficulties Disorders, Learning

1. INTRODUÇÃO

Um assunto bastante vivenciado por professores refere-se às dificuldades de aprendizagem. Consiste em um tema que desperta a atenção para existência de crianças que frequentam a escola e apresentam problemas em seu desempenho. Por muito tempo, estas crianças foram desconhecidas, mal diagnosticadas e desprezadas. Essas dificuldades consistem em uma das maiores apreensões dos professores, visto que na maior parte das vezes soluções não são encontradas (DOMINGOS, 2007).

Segundo Campos (1997), dificuldades e transtornos são concepções diferentes, embora rótulos como estes sejam empregados indiscriminadamente nas escolas. Na maioria das vezes são usados como sinônimos, para referir-se ao aluno

que não aprende. Expressões como dificuldades, problemas e transtornos são usadas em um mesmo contexto e até mesmo em textos de profissionais de áreas diversas do conhecimento encontram-se nomenclaturas inconsistentes. Portanto, fica claro que tanto nas escolas como na bibliografia sobre o assunto não há um consenso em torno do uso destes termos. Todavia, entende-se que na raiz destas terminologias existem definições distintas e que é necessário utilizá-las de maneira correta.

Para Silva (2008), atualmente o processo de ensino e aprendizagem passa por muitos desencontros, surgindo conflitos em decorrência das Dificuldades de Aprendizagem que se apresentam em alguns alunos. Tanto por omissão da escola, como também por parte da família, podem resultar duas situações características: de um lado a falta de formação específica do professor para trabalhar com este aluno o coloca em uma situação de conflito, e de outro lado temos o aluno que se sente excluído e fracassado por um sistema de ensino que visa apenas crianças que têm um bom rendimento em sua aprendizagem.

Dentro de um ambiente escolar, conforme aponta Sampaio (2010), encontramos uma diversidade muito grande. Por consequência disso, os problemas de aprendizagem se manifestam de diferentes maneiras e sintomas se apresentam revelando que algo não vai bem. Cada aluno é único na sua forma de ser, de aprender, bem como também de não aprender. O educador pode questionar-se quanto ao motivo de alguns aprenderem e outros não, se a forma de ensinar é a mesma, no entanto, cada criança tem uma família, um comportamento, culturas diferentes e certamente, os vínculos entre o professor e os alunos serão diferenciados. Na sala de aula, existem alunos que conversam bastante, não participam, se desconcentram, portanto, são chamados à atenção, levando broncas, e tudo isso pode afetar a autoestima da criança, e este vínculo que é importante para aprendizagem.

Esse estudo se baseou na utilização de uma pesquisa bibliográfica, constituída por livros e artigos científicos. Pretende-se com esse estudo aprofundar conhecimentos a respeito desse assunto que é de grande importância no processo de ensino aprendizagem.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar e compreender as diferenças entre dificuldades e transtornos de aprendizagem. Neste contexto levantam-se as seguintes hipóteses: as questões orgânicas, cognitivas, emocionais, econômicas, culturais e sociais são fatores que podem influenciar no processo de ensino aprendizagem. A busca por diagnósticos e avaliações psicológicas prevalecem dentro do contexto

escolar, tentando identificar condições médicas e transtornos. As concepções assumidas como explicação do que são dificuldades que algumas crianças enfrentam, contribui para a exclusão desta criança.

2. PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Existem diversas maneiras de se compreender o desenvolvimento e a aprendizagem enquanto propriedades essenciais ao homem que existem em relação mútua com uma variedade de elementos tanto intra e interindividuais como aqueles relativos às disponibilidades do meio. Várias explicações podem ser aceitas no entendimento da forma como o indivíduo aprende e se desenvolve. Trata-se, de distinguir, a presença de posturas teórico-metodológicas diferentes entre si. A aprendizagem e o desenvolvimento do conhecimento implicam, continuamente, em uma relação entre indivíduo e o objeto de conhecimento (PALANGANA, 1998).

Segundo Alexandre (2010), a aprendizagem é entendida como um processo de transformação do comportamento adquirido por intermédio das experiências levantadas por fatores relacionados com aspectos neurológicos, ambientais e emocionais, derivados da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente em que está inserido, devendo-se levar em consideração as concepções e costumes que cada indivíduo distingue e avalia como adequados. É, então, o resultado de experiências que trazem novos conhecimentos aos sujeitos e são exatamente esses conhecimentos que ocasionam alterações de comportamento. Se antes de aprender a pessoa se comportava de uma maneira, neste momento, com a aprendizagem, começará a agir de forma diferente, evidenciando o que aprendeu.

Para Rego (1995), Vygotsky considera o complexo desenvolvimento da estrutura humana como o processo de apropriação pelo indivíduo da experiência histórica e cultural de seu grupo social. De acordo com ele, organismo e o ambiente desempenham preponderância recíproca e desta forma o biológico e o social não estão separados, mas em interação. Por este ponto de vista, o princípio é de que o homem se constitui por meio de influências sociais, então, é visto como uma pessoa que se modifica e é modificado nas relações determinadas em uma cultura. É por isso que seu pensamento é chamado de sócio interacionista.

Díaz (2011), ressalta que não se deve esquecer que a aprendizagem é um processo complexo, pois nele intervêm muitos fatores internos de tipo psicológico e

biológico que interagem entre si e ambos com o meio externo e que estão presentes em cada pessoa, marcando a individualidade da aprendizagem que se manifesta, por exemplo, quando todos recebem o mesmo ensino, porém cada qual aprende de forma diferente.

Para Stoltz (2012), quando se ensina deve-se, em primeiro lugar, buscar o conhecimento que o aluno já traz, levando-o a refletir sobre o conteúdo com o qual se trabalhará, construindo uma nova compreensão. É de fundamental importância que a aula não seja apenas expositiva com a fala exclusiva do professor, mas deve-se trabalhar de maneira que o aluno relacione o conteúdo com o que ele sabe e perceba o que não sabe, interagindo com a nova aprendizagem.

O desenvolvimento humano, para Vygotsky, acontece a partir da influência mútua entre o indivíduo e o ambiente social em que está inserido, sendo que as formas psicológicas mais sofisticadas surgem da vida social. Deste modo, o desenvolvimento do ser humano é continuamente intercedido pelo outro, ou seja, pelas pessoas do grupo cultural, que indicam, delimitam e atribuem sentidos à realidade. Por intermédio dessas influências, os membros da espécie humana vão gradativamente se adaptando aos modos de funcionamento psicológico, em termos culturais e comportamentais, devendo-se lembrar que o grupo cultural pertence à história da humanidade (REGO, 1995).

Segundo Alexandre (2010), a necessidade da aprendizagem consiste em algo essencial em qualquer pessoa desde o nascimento, não importando o alcance da capacidade ou o problema que manifesta. Deste modo a criança precisa ser motivada nos contextos social, familiar e escolar que compõem o ambiente onde aprende, uma vez que estabelece seu saber cotidiano ao observar os pequenos acontecimentos com pessoas com quem convive.

Pode-se concluir, conforme Díaz (2011), que está presente na aprendizagem de forma direta ou indireta, a intervenção social, ou seja, a influência de outras pessoas, como as que estão no âmbito familiar, escolar, como por exemplo: os pais, amigos, professores, funcionários, instituições, sociedade. Ocorre por meio do processo histórico que é resultado da interação do conjunto de pessoas que trazem conhecimentos, valores, costumes, a língua falada, bens de consumo e princípios. Acrescente-se que o indivíduo, além disso, aprende por si próprio, com uma orientação interna, “aprender a aprender”, por uma forma de metacognição, que leva o aluno a pensar e discutir sobre como aprende.

A aquisição do conhecimento pode ser prazerosa ou dolorosa, dependendo da forma como o processo ocorre. Ainda que resultante da interação social, é continuamente um processo individual, próprio da personalidade de cada sujeito, relacionada a ambições, receios, experiências e expectativas, compreendendo, toda a sua história pessoal. Deste modo entende-se que nem todos aprendem da mesma maneira, as mesmas coisas e com a mesma intensidade. Todo indivíduo aprende coisas novas atribuindo-lhes significados ou estimativas de valor diversas, de acordo com sua história pessoal e do seu grupo social (ALEXANDRE, 2010).

2.1. Concepções Sobre Dificuldades e Transtornos de Aprendizagem

Para Roza e Damasceno (2011), a escola é um ambiente com uma enorme diversidade cultural, em que se podem encontrar os mais diversos sujeitos, de inúmeras camadas sociais e com as mais distintas histórias. Olhando para esta pluralidade existe a possibilidade de se localizar pessoas com deficiências que podem ser orgânicas, físicas, ou também transtornos e dificuldades de aprendizagem e o educador vai precisar enfrentar a tarefa de trabalhar com a variedade de alunos que encontrará em sala de aula.

Educadores realizam há muito tempo observações, buscando as razões que justifiquem o mau resultado escolar ou as dificuldades de aprendizagem. Compreende-se que o conhecimento do homem é adquirido na relação com o ambiente, seja a família, a escola ou até o lugar onde vive, e, deste ambiente, depende para se desenvolver enquanto pessoa. Na ocasião em que o meio é classificado como inconveniente para um bom desenvolvimento, tanto no aspecto físico como psicológico, o indivíduo encontrará barreiras, mas que podem ser vencidas com a motivação individual ou com o apoio da escola, família ou outros meios sociais (SAMPAIO, 2010).

Segundo Correia (2004), a partir da necessidade de se compreender por que um número de alunos, aparentemente normais, podia constantemente conhecer fracasso escolar, sobretudo na leitura, escrita ou cálculo, surgiu o conceito de dificuldade de aprendizagem. De tal modo, o aluno com Dificuldades de Aprendizagem é um educando com uma potencialidade para a aprendizagem normal, ou acima da média, sendo esta questão um elemento de enorme relevância no propósito de auxiliar a estabelecer e a compreender as suas necessidades

educacionais. É nesse sentido que se faz imprescindível dar início ao entendimento de suas necessidades em termos tanto acadêmicos quanto sociais e emocionais.

Grandes desafios são enfrentados por crianças com problemas de aprendizagem levando em consideração o diagnóstico e a educação que lhes são oferecidas. Entretanto, não é difícil encontrar professores que de início consideram alguns alunos como desinteressados ou muitas vezes preguiçosos. Essa maneira de olhar para a criança, não só rotula, como também interfere na prática do professor em sala de aula. Desconhecendo que qualquer indivíduo pode apresentar algum problema de aprendizagem, podendo ser de fator social, psicológico e até mesmo orgânico. Enfim, são inúmeras as variáveis indispensáveis ao professor conhecer para o entendimento dos mais diversos e comuns problemas no processo de ensino-aprendizagem. Desta maneira conseguirá olhar o aluno de forma integral, desenvolvendo a reflexão e visão de mundo e melhorando sua prática em sala de aula (DOMINGOS, 2007).

Segundo Martins e Figueiredo (2011), alguns elementos são considerados como causadores dos problemas de aprendizagem, tais como a prática pedagógica dos professores, para os quais ainda falta preparo para estar em sala de aula. Acrescentem-se condições difíceis de funcionamento da gestão escolar, tanto pedagógicas como estruturais e os problemas econômicos, sociais e culturais do ambiente em que a criança está inserida. Esses elementos têm causado muitas discussões dentro e fora das escolas e podem estar na origem da desmotivação de professores e alunos. Em reuniões escolares professores, em forma de desabafo, queixam-se desses problemas e tentam tirar de suas costas a responsabilidade por alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, atribuindo ao aluno lentidão, preguiça ou desinteresse.

Segundo Campos (1997), a expressão transtorno de aprendizagem, não tem uma definição exclusiva. Na bibliografia é diferentemente utilizada. Vários pesquisadores consideram o transtorno de aprendizagem como psiconeurológico, resultando de problemas do sistema nervoso central e associado a comprometimentos neurológicos que afetam a percepção e a maneira do aluno processar informações, causando impedimento na aquisição de sua aprendizagem. A terminologia refere-se a um grupo heterogêneo de transtornos que se caracterizam por dificuldades na capacidade de ouvir, falar, de leitura, escrita e cálculo e não são consequência de condições ou influências do meio em que o indivíduo vive.

Diversos transtornos podem manifestar-se em crianças que têm problemas em sua aprendizagem. Para Sampaio (2010), a dislexia e o TDAH que o é Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, são os mais comuns nas escolas. No entanto podem ocorrer confusões, como por exemplo quando dificuldades no início da alfabetização, quando as crianças estão começando a ler, são erroneamente diagnosticadas e levam ao rótulo da dislexia. Tanto para o professor que convive com a criança em sala de aula, quanto para o profissional que será o responsável para diagnosticá-la, o olhar precisa ser minucioso, não julgando da maneira equivocada as dificuldades que a criança apresenta.

Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), além de apresentarem dificuldades de aprendizagem, ainda podem apresentar problemas no comportamento e desatenção, interferindo no desempenho escolar. Os fatores genéticos, que podem ser alterações no sistema nervoso central, problemas sensoriais, doenças crônicas, uso de medicamentos, podem ser fatores que influenciam nas dificuldades de aprendizagem, bem como problemas sociais, como os relacionados à família, ao contexto pedagógico da escola e até psiquiátricos (LIMA, 2006).

Segundo Martins e Figueiredo (2011), o mediador do processo de ensino-aprendizagem é o professor, que precisa realizar um trabalho consciente para solucionar problemas e promover a aprendizagem dos alunos. Deste modo a escola é o ambiente privilegiado para diminuir os problemas de aprendizagem. Ela precisa proporcionar condições favoráveis e um ambiente apropriado para que o aluno possa se sentir bem, promovendo momentos de reflexão e reconstruindo a figura do aluno no seu processo social, cultural e educacional pela mediação do professor, que é facilitador da aprendizagem. Quando a escola proporciona tudo isso ao aluno, o conhecimento passa a ter significado para a sua vida.

3. CONCLUSÕES

Verifica-se a importância do entendimento das concepções, diferenças e causas relativas às dificuldades e aos transtornos de aprendizagem que podem refletir no processo de ensino e aprendizagem.

Este estudo mostrou a necessidade de se atentara às diferentes terminologias usadas na bibliografia identificando contradições e o uso de concepções distintas

como sinônimos para referir-se aos alunos que não aprendem. Constatase que termos como transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem são utilizados sem critério, dificultando o entendimento desta questão pelos professores e causando uma dificuldade em entender a necessidade de aprendizagem dos alunos.

A atuação mais efetiva dos professores passa pela compreensão do que são dificuldades e transtornos de aprendizagem, visando sua identificação e evitando-se rótulos e diagnósticos equivocados.

A metodologia utilizada em sala de aula assim como os aspectos emocionais, econômicos, culturais e sociais tanto quanto as questões orgânicas e cognitivas podem influenciar no processo de ensino aprendizagem, causando problemas de desempenho. Concepções simplistas que atribuam os problemas encontrados a condições inerentes à criança mostram-se preconceituosas e pouco contribuem para a promoção da aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, S. F. Aprendizagem e Suas Implicações no Processo Educativo. **Revista de Letras da UEG**. São Luís de Montes Belos. p. 51-60. 2010.

CAMPOS, L.M.L. A rotulação de alunos como Portadores de “Distúrbios ou Dificuldades de Aprendizagem”: uma questão a ser refletida. In: **Ideias: os desafios enfrentados no cotidiano escolar**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 1997. p.125-39.

CORREIA, L.M. Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais. **Análise Psicológica**, 2 (XXII): p. 369-376. 2004.

DÍAZ, F. **O Processo de aprendizagem e seus Transtornos**. Salvador: EDUFBA. 2011. p.84-85

DOMINGOS, G.A. **Dificuldades do processo de aprendizagem**. 2007. p.1-29. (Monografia) - Escola Superior Aberta do Brasil. Vila Velha. p. 5

LIMA, R.F. **et al**. Dificuldades de aprendizagem: queixas escolares e diagnósticos em um Serviço de Neurologia Infantil. **Revista Neurociências**. Campinas, v. 14, n.4, p. 185-190, out/dez, 2006.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vigotsky (a Relevância do Social)**. Editora: Plexus - 2ª Edição. 1998.

ROZA, L.R.A.P. e DAMASCENO, A.R. Dificuldades De Aprendizagem (Da) na Escola: Contradições e Perspectivas na Formação Docente para a Afirmação da Educação

Inclusiva. IN: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. 6., 2011, Londrina. **VII Encontro Da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, p. 2101-2117.

REGO, T. C. **Vigotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 2ª edição Rio de Janeiro: Wak Ed. 2010.

SILVA, M.C. Dificuldades de aprendizagem: do histórico ao diagnóstico. **O Portal dos Psicólogos**. p. 1-13. 2008.

STOLTZ, T. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar**. Editora: Intersaberes. 2012.